■ DORA KRAMER

O vexame do senhor Marés

Só há um jeito de consertar o vexame que o presidente da Funai, Frederico Marés, deu ao demitir Orlando Villas Bôas do cargo de assessor especial: é o presidente Fernando Henrique Cardoso pedir desculpas pessoalmente – e não registrar mero “mal-entendido” pelo telefone – ao sertanista e, antes de demitir o burocrata, determinar que ele assine a concessão do DAS (gratificação de assessoramento) mais alto que tiver disponível a Villas Bôas, a fim de que a Funai possa continuar contando com a colaboração do maior símbolo vivo do indigenismo brasileiro.

O senhor Marés é apadrinhado político do governador de São Paulo, Mário Covas, que com toda certeza não imporá reparos à demissão. Se impuser, estará perdendo uma grande oportunidade de se diferenciar mais uma vez do Palácio do Planalto no quesito sensibilidade política, social, humana, sociológica, antropológica, histórica, ou seja lá o que for.

Na segunda-feira a reação do porta-voz da presidência, Georges Lamazière – que como indica o cargo não *tem* voz, apenas *porta* temporariamente a do presidente da República –, foi na direção de conceder aval à tolice do senhor Marés. Ontem, diante da repercussão, o governo inteiro correu a ligar para Villas Bôas. Mas a iniquidade já estava feita.

Orientado por Fernando Henrique, é óbvio, pois Lamazière não vai ao *briefing* sem falar com o presidente, o porta-voz disse que a demissão não era assunto da presidência e explicou, didático, que o sertanista havia sido posto para fora da fundação que ajudou a criar porque recebia pensão e salário. “E as duas coisas ao mesmo tempo não poderia receber.” Além do que, veja o leitor que desperdício de dinheiro público, Orlando Villas Bôas não trabalhava.

Em matéria de visão distorcida da vida, falta de juízo e ausência de senso da realidade, a argumentação é uma maravilha. Quem sabe se dois ou três telefonemas do senhor Marés para Orlando Villas Bôas por mês não rendessem à política do índio muito mais resultados que boa parte das reuniões presididas por ele em Brasília? Com certeza assim o senhor Marés faria mais para justificar o próprio salário.

E não faz a menor diferença se a demissão foi por fax, telefone, tambor, fumaça ou qualquer outro meio de comunicação da predileção do senhor Marés. O que interessa é o motivo alegado: o presidente da Funai “lamenta necessitar do cargo”. Para dar a quem? Que autoridade no assunto o senhor Marés teria em mente para substituir Orlando Villas Bôas? Um amigo, um parente, um técnico, um apadrinhado, um especialista, um indigenista de renome internacional?

Esta última certamente não será a opção do senhor Marés, dado que acabou de demitir o maior deles disponível no mercado.

O detalhe do fax não seria macabro não fosse a explicação dada pelo funcionário que o senhor Marés indicou para falar do caso. O assessor disse que o chefe foi cortês com Villas Bôas, já que o normal seria que ele soubesse da demissão pelo *Diário Oficial*. Na prática, não seria obrigado nem a mandar o fax. “Houve um gesto de cortesia”, justificou o preposto do senhor Marés.

O único gesto de cortesia possível nessa altura dos acontecimentos é o presidente da Funai tomar o rumo de casa e aguardar sereno que sua exoneração seja publicada no *Diário Oficial*.

INSTITUTO	Documentação
	JB
Fonte	
Data	2/2/2000 Pg 2
Class.	324